

## ***Votamos pela independência e liberdade feminina: reflexões sobre a condição da mulher no fin de siècle***

Mirian Cristina dos Santos<sup>1</sup>

**RESUMO:** À luz das teorias contemporâneas acerca dos estudos feministas, por meio da leitura de artigos de duas escritoras periodísticas residentes em Minas Gerais no *fin de siècle* – Elisa Lemos e Maria Emilia Lemos –, meu objetivo neste artigo é refletir sobre a condição da mulher no final do século XIX, principalmente em relação a temas como: educação, emancipação e maternidade. Além disso, tentarei observar como as escritoras articulam o ideal de *mulher do futuro* com os estereótipos de *rainha do lar*, vigentes naquele momento.

**Palavras-chave:** Elisa Lemos; Maria Emilia Lemos; Educação

### **Introdução**

Mediante teorias contemporâneas acerca dos estudos feministas, meu objetivo neste artigo é refletir sobre a condição da mulher no final do século XIX, principalmente em relação a temas como: educação, emancipação, maternidade e casamento. Isto por meio de leitura de artigos de duas cronistas residentes em Minas Gerais no *fin de siècle*: Elisa Lemos, cronista do periódico sanjoanense *A Patria Mineira* (1889-1894), *órgão da Idea Republicana*; e Maria Emilia Lemos, cronista da revista paulistana *A Mensageira* (1897-1900), *Revista literária dedicada á mulher brasileira*. Tentarei observar como as cronistas articulam o ideal de *mulher do futuro* com os estereótipos de *rainha do lar*, vigentes naquele momento.

O periódico *A Patria Mineira*, *órgão da idea republicana*, editado semanalmente, em São João del-Rei (MG), disseminou ideais da República através de seus editoriais, artigos de opinião, contos históricos e romances. Fundado e editado por Sebastião Sette Câmara, este jornal, além de artigos e textos de autoria masculina, ocupou-se, também, da educação das mulheres, através da seção Folhetim e de outros espaços de escrita.

Já a revista *A Mensageira*, *Revista literária dedicada á mulher brasileira*, foi editada por Presciliana Duarte de Almeida. Seus 24 primeiros fascículos compõem a fase quinzenal do periódico (de 15 de outubro de 1897 a 30 de setembro de 1898) e os 12 restantes, a fase

---

<sup>1</sup> Mestranda em letras na Universidade Federal de São João del-Rei. Bolsista REUNI/UFSJ. Orientadora: Profa. Dra. Maria Ângela de Araújo Resende.

mensal (de fevereiro de 1899 a janeiro de 1900). De acordo com Julia Lopes de Almeida, uma das colaboradoras da revista, no número de estréia:

esta revista, dedicada ás mulheres, parece-me dever dirigir-se especialmente ás mulheres, incitando-as ao progresso, ao estudo, á reflexão, ao trabalho (...) será para as mulheres um apoio forte e um conselho generoso e bom (ALMEIDA, Julia Lopes de. *A Mensageira*, N. 1, 1897, p.4).

Durante o século XIX, diversas cronistas publicaram textos acerca de cultura e educação, sendo que muitas não foram reconhecidas pela crítica literária e cultural. Uma destas foi Elisa Lemos, jovem residente em São João del-Rei, que colaborou em periódicos como *A Família*, do Rio de Janeiro, dirigido por Josefina Álvares de Azevedo, e *A Patria Mineira*. Apesar de seus 21 anos, quando começou a escrever nesses periódicos, seus textos já possibilitavam entrever uma mulher consciente do papel marginal ocupado pela mulher na sociedade brasileira. Em *A Patria Mineira*, após algumas publicações, conquistou uma coluna fixa em que convocava mulheres a ocuparem com responsabilidade sua função na sociedade: respeitáveis mães, esposas e filhas, mas também, a exemplo de outras feministas da época, divulgava ideais de uma nova mulher, balizado pela instrução e participação pública.

Já quanto a Maria Emilia – como ficou conhecida nas páginas de *A Mensageira* – pouco se sabe até o momento. A cronista foi incluída por Presciliana Duarte de Almeida entre as principais escritoras brasileiras do *fin de siècle*. O que sabemos foi dito por Maria Emilia no número 03 da revista, ao retificar uma informação divulgada por Almeida que confundira seu sobrenome: “Entre as brasileiras mencionadas no seu artigo de apresentação teve a generosidade de collocar-me. Houve, porém, ligeiro engano quanto ao meu ultimo nome, que raramente assigno e é Lemos.(...) Minas, Novembro 97” (LEMOS, Maria Emilia. *A Mensageira*, N. 3, 1897, p.43). Apesar da falta de dados sobre a vida pessoal de Maria Emília, acredito que o teor de suas crônicas é relevante para refletir a respeito da condição da mulher no final do século XIX.

De acordo com Piscitelli (2005) “a dominação masculina excluía as mulheres da história, da política, da teoria e das explicações prevaletentes da realidade” (p. 48). Mary Del Priore (1998), em *História das Mulheres*, esclarece que o “apagamento” da voz feminina foi recorrente ao longo da história. Ao tratar do silenciamento imposto às mulheres, a autora ressalta que estas foram excluídas duas vezes: na primeira vez, pela dominação efetiva do poder masculino e, na segunda vez, foram escondidas pela memória cultural – coletiva e política – que as mantinha à sombra da atuação masculina.

Traçando as perspectivas dos estudos feministas contemporâneos, Hollanda (1993) discute possíveis abordagens críticas, das quais considerarei aquela tocante à escrita de mulheres ou a tradição literária feminina. Tal vertente atentaria para a produção textual de mulheres, levando em conta fatores históricos de épocas específicas, principalmente os séculos XIX e XX, e realizando a releitura dos textos de escritoras em livros, periódicos e suplementos literários com o intuito de resgatar obras sobre as quais a crítica literária ou cultural silenciou ou esqueceu. Na mesma perspectiva de resgate da participação feminina na história da literatura, Nadia Gotlib (1998) observa que o pensamento feminista no Brasil, nas últimas décadas do século XIX, foi marcado pelo fortalecimento da imprensa feminina, pela luta pela educação e trabalho feminino. A maioria das escritoras da imprensa oitocentista, além de implantar nas mães o espírito de boas mães e esposa, procurava educar outras mulheres, com vistas a capacitá-las como educadoras dos filhos e da família (MAGALDI, 2007). Elisa Lemos e Maria Emilia foram escritoras que além de publicar crônicas e ensaios, lutaram pela educação feminina e pensaram acerca da sociedade brasileira no *fin de siècle*<sup>2</sup>.

### **1. Educação e emancipação feminina no *fin de siècle***

Desde meados do século XIX, na cultura brasileira disseminou-se uma concepção idealizada do papel social da mulher como mãe, já divulgada na Europa. Ao mesmo tempo em que ocorria o processo de modernização da capital brasileira, Rio de Janeiro, vertentes do pensamento ligadas ao Positivismo tentavam redefinir os comportamentos da sociedade da época em um processo disciplinador e civilizatório. Segundo Maria Ângela D’Incao:

Desde o século XVII ampliaram-se na Europa a preocupação dos adultos com a infância e a partir do século seguinte as mulheres passaram a ser valorizadas em seu papel de mães e responsabilizadas pela vida e educação das crianças (D’INCAO, 1997, p.284).

Ao final do século XIX, influenciadas por escritores, sobretudo, franceses – que através do discurso em prol da educação feminina supervalorizavam as mães e esposas – escritoras de renome no Brasil, como Julia Lopes de Almeida e também a portuguesa Maria Amália Vaz de Carvalho, passaram a expressar apelos por uma educação feminina em prol do bem da família. Constância Lima Duarte (2002) observa, sem desmerecer as lutas femininas, a incorporação desses discursos como mais uma forma de enclausuramento da mulher. Contudo,

---

<sup>2</sup> Destaco que estas cronistas não constam no dicionário de *Ensaístas Brasileiras: Mulheres que escreveram sobre literatura e artes de 1860 a 1991*, elaborado por Hollanda, nem nos livros da série *Escritoras Brasileiras do século XIX*, organizados por Zahidé Lupinacci Muzart.

a adesão a esses discursos pode, também, ser percebida como um estímulo para as lutas feministas, uma vez que essas mulheres utilizavam o discurso dominante em proveito próprio.

Destaca-se que esse ideal de mulher instruída propagou-se após a Proclamação da República que “pode ser vista como o momento a partir do qual os novos modelos femininos passaram a ser mais reforçados” (PEDRO, 1998, p. 291). Naquele momento, compreendia-se que os filhos da nação em construção deveriam possuir uma educação cuja finalidade seria o bem da pátria. Neste caso, são às mulheres, como mães, “que a pátria suplica bons cidadãos” (ALMEIDA *apud* DUARTE, 2002, p.279).

É importante ressaltar que quando pensamos em educação feminina no século XIX, estamos falando de uma classe aristocrática, pois nesta época o sistema educacional brasileiro ainda não conseguia atender as classes menos favorecidas. Contudo, as mulheres letradas apesar de dirigirem seus enunciados diretamente às camadas médias e dominantes, que compunham o universo de leitores dos periódicos, esperavam que as lições terminassem se estendendo às mulheres e famílias das classes subalternas (MAGALDI, p. 2007).

## **2. A mulher emancipada**

Em março de 1893 foi publicado em *A Patria Mineira* um artigo de Elisa Lemos na coluna “Palestrando em S. João del Rey...” com o subtítulo, “Os homens serão para sempre o que as mulheres quizerem que eles sejam” (Rousseau). Segundo Resende.

(...) o verbo "palestrando" aponta uma dicção específica de um sujeito da enunciação que tem consciência de seus poderes (...). Reforçando os códigos de moral da época, com o intuito de preservar a pureza das jovens incautas, chama para si o lugar de "esposa, mãe e mulher educadora", que, através da palavra, estabelece um contrato com suas leitoras. Através delas - as mães - a moral da família estaria assegurada. Confirma-se aqui, a mulher como sentinela e guardiã do seu patrimônio afetivo e moral (RESENDE, 2005, p.199).

O artigo reproduz o discurso de responsabilidade da mulher em relação a família: “E a educação de nossos filhos?!” (LEMOS, Elisa. *A Patria Mineira*, N. 193, 1893, p.2). Observa-se que a educação dos filhos e o zelo pela manutenção da família correspondem aquilo pelo qual é mister lutar. Elisa Lemos aproveita-se do espaço da imprensa para chamar para si a responsabilidade por outras mulheres, sobretudo às mais jovens, aconselhando e lutando por direitos: “geralmente, a moça brasileira, mesmo a que se diz de educação completa não tem a menor noção dos mais simples deveres de esposa e mãe” (op. Cit.). De acordo com Lemos a

mulher deveria ser educada para o bem estar da família. Assim, a mãe, sendo instruída, poderia ensinar as moças o “verdadeiro valor” da família.

A autora vai mais além, para ela a educação feminina estaria auxiliando no desenvolvimento do país, pois, por meio da instrução, as/os jovens dessa nação seriam autônomos e responsáveis.

Reforme-se a educação, tornando-a mais ampla, e mais sólida, instruem-se as mães, illustre-se a mulher, que, de súbito, clareará uma nova aurora de felicidade e progresso, surgindo uma mocidade forte, pensadora, responsável por si e preparada para casar (op. Cit.).

Compreende-se que as mulheres, como mães, comprometiam-se com o bem da pátria, principalmente em momentos de alterações de valores, como a Proclamação da República. Segundo Lemos, as mães, também, são culpadas pela “má educação” das filhas, e por incentivá-las a valorizar apenas o luxo: “as únicas culpadas, (...) são as mães, por que incutem no espírito das filhas theories falsas, que ensinam-lhes a considerar a formosura e o luxo como principaes attractivos” (op. Cit.). Entende-se que a mãe deveria fornecer educação moral e intelectual para evitar dissabores amorosos e a desvalorização da família.

A autora critica, ainda, as mulheres de classe baixa que vêem no casamento uma forma de mudar de vida: “tenho ouvido moças distituidas de fortuna (...) dizer que aspiram o casamento como meio de descanso, digo eu, é um disfarce que só serve para desenvolver a preguiça incubada: mesquinha ignorância!” (op. Cit.). Enquanto Lemos limita-se a culpar as mães pelos casamentos por interesse, uma outra autora de *fin de siècle*, Maria Amália Vaz de Carvalho, no artigo *A Mulher do Futuro* problematiza a questão: “como oppor a esta aspiração justa da mulher que quer ter o seu lugar ao sol, considerações cuja origem se vá buscar á esthetica, á elegância moral, ás tradições e aos preconceitos do passado?” (CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *A Mensageira*, N. 31, 1899, p. 135). Apesar de ser contra tal comportamento, e o considerar uma forma de “escravidão moral”, a escritora portuguesa compreende o casamento por interesse como uma necessidade econômica.

Em relação à família, Elisa Lemos acredita que a mulher deveria ser instruída para educar os filhos e para ajudar o marido nos momentos difíceis, pois “desde que o casamento não seja um negocio, a mulher emancipada trabalhará, ajudará o marido a sustentar o peso doméstico e terá posição definida na sociedade” (LEMOS, Elisa. *A Patria Mineira*, N. 193, 1893, p.2). Assim, percebe-se que a autora acredita que “casamentos por interesse” não são adequados. Expressando uma visão um pouco romantizada, Elisa Lemos afirma que somente

quando o casal trabalha junto em prol do bem estar da família, conseguirá ter uma “vida confortável” com status social.

### **3. A mulher do futuro**

Lembrando das lutas das mulheres em prol da instrução para suas filhas, Maria Emilia, no artigo “Falso encanto”, de outubro de 1897, acredita, assim como Elisa Lemos, que são as mães as grandes responsáveis pela “cultura intellectual” que sua geração conquistou, pois “são a essas santas criaturas que devemos a pouca de luz que se váe fazendo sobre o destino das brasileiras. Para isso, quanto soffreram e luctaram?” (LEMOS, Maria Emilia. *A Mensageira*, N. 2, 1897, p. 18).

Maria Emilia chama atenção para o fato de algumas mulheres aceitarem que a beleza delas está na “sua ignorância, na sua timidez, na sua infantilidade” (op. Cit.). Em contraposição a esses estereótipos que caracterizariam o “encanto” da *rainha do lar*, para Maria Emilia, a mulher do futuro será a mulher instruída, forte, capaz de cuidar dos filhos e trabalhar fora ao mesmo tempo.

Além de atentar para as responsabilidades sociais da mulher, a autora critica aquelas que se deixam levar por futilidades. De acordo com Maria Emilia, algumas mulheres para “serem bemquistas e passarem vida socegada” (op. Cit.) não apóiam as lutas feministas em prol da educação e emancipação feminina, mesmo, muitas vezes, pensando de acordo com as propagandistas da causa. Porém, de acordo com autora, o número de mulheres adeptas a causa feminista era maior naquele momento.

Quanto aos lugares de gênero, previamente demarcados, ocupados por homens e mulheres, no século XIX, a autora declara:

Os paes, tendo grandes aspirações sobre seus filhos, não ambicionavam, salvo honrosas excepções, sinão que as filhas fossem honestas. Isto bastava! As mães, porém, por intuição e por uma altivez natural iam sempre que podiam ministrando as suas filhas todos os meios de serem educadas e dignas, sugeitando-se para isto aos maiores dissabores e sacrificios (op. Cit.).

A passagem expressa a concepção de que a mulher deve ocupar o espaço privado e o homem o espaço público. Nesse caso, as moças seriam educadas apenas para o casamento, enquanto os homens teriam mais oportunidades, demarcação de espaços contra a qual lutava Maria Emilia em seus artigos.

Já ao explicar a atitude das mães, Maria Emilia essencializa a mulher/mãe. Para Matos (1999), “a construção de gênero baseada em características biológicas acaba por definir homens e mulheres como categorias naturais, essencializadas, resistentes às forças arbitrárias

da cultura, da história e da pessoa” (p.20). Quando a cronista caracteriza a mãe como intuitiva e portadora de uma “altivez natural” percebe-se a utilização de características essencializantes que enfatizam o estereótipo da mulher como *rainha do lar*.

Ao afirmar que haveria dissabores e sacrifícios para a educação das filhas, Maria Emilia destaca tanto a falta de material adequado e a restrição curricular quanto a oposição de setores da sociedade que eram contra a instrução das moças. Estes aspectos tornavam a tarefa de educar a filha uma atividade árdua. Na época, mesmo as mulheres de classe burguesa não recebiam instrução suficiente para ensinar seus filhos, por isso entende-se essa função de “mãe educadora” como algo extremamente difícil, principalmente devido aos preconceitos quanto à educação feminina.

Segundo Bárbara Heller (2002) isso acontecia porque “temia-se que mulheres letradas pudessem ler romances considerados perigosos à boa conduta e trocassem bilhetes amorosos, por isso suas leituras deveriam ser vigiadas pelo marido, pelo pai ou pela igreja” (p. 248). Heller ressalta que até mesmo nos textos literários, pouquíssimas personagens eram apresentadas com habilidades de leituras. Na maioria das vezes, tais personagens letradas, sofriam algum tipo de punição quando “possuíam livros em suas mãos” (op. Cit.). Tais aspectos representam a negatividade do pensamento em relação à educação feminina da sociedade do final do século XIX e início do XX, contra o qual as escritoras que defendiam a educação das mulheres tinham que lutar.

Maria Emilia finaliza seu artigo conclamando outras mulheres a abençoar – que significa mais que agradecer – o nome de suas mães pelo sacrifício que fizeram outrora em prol da instrução das filhas, e convida suas contemporâneas “a continuar a sua obra aclarando o porvir de [suas] filhas” (LEMOS, Maria Emilia. *A Mensageira*, N. 2, 1897, p. 18). Assim, no artigo, está presente a consciência de que as lutas pela educação das mulheres só trarão resultados para as gerações futuras.

#### **4. *Votamos pela independência e liberdade feminina***

Ao tratar da educação das mulheres do final do século XIX, perpassa nos artigos das autoras um ideal de mulher do futuro. A mulher emancipada de Elisa Lemos será uma mulher independente e liberta que

trabalhará, ajudará o marido a sustentar o peso domestico e terá posição definida na sociedade (...) companheira resoluto e forte, tanto para os dias bonafosos como para os da adversidade (...) figura distincta e immaculavel (LEMOS, Elisa. *A Patria Mineira*, N. 193, 1893, p.2).

Essa mulher descrita pela cronista, a princípio, parece ser um exemplo de mulher independente, que ganha seu próprio dinheiro, uma figura avante de seu tempo; mas, no entanto, uma das características dessa mulher é o trabalho para o bem da família. Essa mulher não é alguém que trabalha em prol do sustento próprio, mas sim para colaborar com o progresso dos membros da casa. Dessa forma, a independência e liberdade consideradas pela autora, na verdade, parecem relacionar-se mais com o desenvolvimento intelectual, do que com uma autonomia social.

Já a “mulher do futuro” descrita por Maria Emilia, além de ser uma mulher consciente de suas responsabilidades sociais

[será] mulher instruída, forte, capaz de velar á cabeceira de um filho enfermo, auxiliando as prescrustações [sic] da sciencia; ou de repellir com energia as chalaças de qualquer imbecil, (...) será a verdadeira companheira do homem, que sabe participar de todos seus pensamentos e ajudal-o em todas as resoluções difficeis (LEMOS, Maria Emilia. *A Mensageira*, N. 2, 1897, p. 18).

Esse perfil de mulher apresentado por Maria Emilia também trata de uma figura preocupada com o bem da família. Tanto que essa não deve dar ouvido às provocações de outros homens, pois seu compromisso é com a família, marido e filhos. No entanto, essa, diferentemente daquela idealizada por Elisa Lemos, além das preocupações cotidianas, inquietar-se-á com as questões da ciência e com as questões sociais.

### **Considerações finais**

Mediante as análises empreendidas percebe-se que no *fin de siècle* a instituição familiar era valorizada e tida como algo que precisava ser preservado. A maternidade era considerada como condição de existência da mulher. Tanto que todos os elogios destinados às mães são por causa de sua astúcia em lutar a favor de melhores condições de vida para seus filhos. Assim, a educação feminina só fazia sentido quando voltada para a família.

Também perpassa os artigos das escritoras a questão da instrução ideal para a mulher. Uma educação que privilegiasse a educação moral e o bem estar da família, pois: “uma mãe instruída, disciplinada, bem conhecedora de seus deveres, marcará, funda, indestrutivelmente, no espírito do seu filho, o sentimento da ordem, do estudo e do trabalho, de que tanto carecemos” (ALMEIDA, Júlia Lopes de. *A Mensageira*, N. 1, 1897, p. 3). Contudo, além das mães privilegiarem a educação de seus filhos, que seriam os futuros cidadãos da nação, as

feministas as convidavam a atentar para a instrução de suas filhas: “illustre-se a mulher, que, de súbito, clareará uma nova aurora de felicidade e progresso” (LEMOS, Elisa. *A Patria Mineira*, N. 193, 1893, p.2).

Já o modelo de mulher do futuro pensado pelas cronistas, corresponde a um ideal de mulher intelectualmente emancipada, mas que ainda é dependente do homem. Este modelo está preso também a características que permitem constatar a essencialização dos papéis de gêneros. Dessa forma, uma emancipação plena só seria possível para as mulheres das gerações futuras.

**ABSTRACT:** In the light of contemporary theories about feminist studies, through readings of articles by two newspaper writers living in Minas Gerais in the fin de siècle - Elisa Lemos and Maria Emilia Lemos -, my goal in this paper is to discuss the status of women in the final nineteenth century, especially on issues such as education, emancipation and motherhood. We will also try to observe how these female writers articulate an ideal *woman of the future* with stereotypes of the *queen of the home*, existing at that time.

**Key-words:** Elisa Lemos; Maria Emilia Lemos; Education

### **Referências Bibliográficas:**

*A MENSAGEIRA*: Revista literaria dedicada á mulher brasileira (1897-1900). Edição fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do estado/Secretaria de Estado da cultura, 1987.

*A PÁTRIA MINEIRA*: Organ da Idéa Republicana (1889-1894).

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e Família Burguesa. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). História das Mulheres no Brasil. 2 ed. São Paulo: Contexto, 1997, p.223-240.

DEL PRIORE, Mary. História das Mulheres: As Vozes do Silêncio. In: CESAR, Marcos (org.). *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998, p.217-135.

DUARTE, Constância Lima. Apontamentos para uma história da educação feminina no Brasil – século XIX. In: DUARTE, Constância Lima et alli (Org.). *Gênero e representação: teoria, história e crítica*. Belo Horizonte, 2002.

GOTLIB, Nadia Batella. A literatura feita por mulheres no Brasil. Disponível em: [http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/artigo\\_Nadia\\_gotlib.htm](http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/artigo_Nadia_gotlib.htm).

HELLER, Bárbara. Vossas filhas sabem ler? In: DUARTE, Constância Lima et alli (Org.). *Gênero e representação: teoria, história e crítica*. Belo Horizonte, 2002, v. 1, p. 247-264.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. O que querem os dicionários? In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. ARAUJO, Lucia Nascimento. *Ensaístas Brasileiras - Mulheres que escreveram sobre literatura e artes de 1860 A 1991*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993, p. 13-34.

MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. *Lições de casa: discursos pedagógicos destinados à família no Brasil*. Belo Horizonte:Argvmentvum, 2007.

MATOS, Sônia Missagia. Repensando Gênero. In: AUDA, Sylvia. *Mulher - Cinco Séculos de desenvolvimento na América*. Belo Horizonte: CREZ, 1999, p.19-57.

PEDRO, Mulheres do Sul. In: CESAR, Marcos (org.). *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998, p.278-321.

PISCITELLI, Adriana. Reflexões em torno do gênero e do feminismo. In: Claudia de Lima Costa e Simone Pereira Schimidt (Orgs). *Poéticas e Políticas feministas*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2005, p. 43-66.

RESENDE, Maria Ângela de Araújo. *A Republica em Folhetim: A Patria Mineira Formando Almas*. Tese de doutorado apresentado à Faculdade de Letras da UFMG. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2005.